



## A civilização técnica

(Encontro Diocesano Juc-Juc - Jan. 60)  
(Revisão dominicanos - Jan 60)

Não me vou deter na descrição da civilização técnica. Ela é por demais conhecida, escarpelizada, denunciada, na literatura contemporânea. Bernanos, em "La France contre les robots", Camus, em "L'homme révolté", Georghiu, em "A 25ª hora", Huxley, em "O melhor dos mundos", Koestler, em "O zero e o infinito", para não falar dos trabalhos de tese de Friedman, Chenu e outros, cada um a seu modo se debruçou sobre a civilização em que vivemos e a acusou violentamente.

Bastaria essa insistência da literatura para nos levantar algumas interrogações. Porquê este súbito eclodir de uma nova civilização? E até que ponto podemos dizer que é uma civilização nova? Não estaremos antes, como sempre acontece na história, a dar especial relevo aos fenômenos dos nossos dias, a criar realidades sociológicas que a distância no tempo virá colocar na perspectiva justa?

Uma civilização é sempre uma encarnação de valores culturais nas estruturas, nas instituições, nos costumes, no "respirar" do corpo orgânico da sociedade. Quais os valores, então, da civilização técnica? Não creio que possamos, com Laloup, definir unicamente a civilização técnica como a civilização em que convergem o conhecimento racional do mundo em que vivemos e um desejo de ultrapassar a pobreza dos meios humanos no domínio das coisas criadas, das energias naturais. Pode dizer-se que essa é a característica fundamental da civilização ocidental. (Ao contrário, as civilizações orientais, bem como a civilização grega, desinteressam-se praticamente do domínio sobre a matéria - a civilização grega por uma sobre-estima dos valores filosóficos e artísticos e as civilizações orientais por uma concepção religiosa do homem e da vida em que a contemplação dum Deus permanente ou o dogma do renascimento contínuo implica, ainda que não claramente, o menosprezo das coisas terrestres, transitórias e perecíveis).

O que torna típica a nossa civilização é que, no processo contínuo em que se desenvolve essa convergência ao longo da história da Europa, surge um ponto de descontinuidade, ou melhor, há uma mudança de sistema de coordenadas. Como nota Georges Friedman, na introdução ao estudo da UNESCO sobre os aspectos sociais da automação, "uma acumulação de progressos de ordem aparentemente quantitativa pode provocar um salto qualitativo, uma diferença de natureza". Quer dizer, a intensificação quantitativa de um certo tipo de progresso gerou uma nova realidade. Uma fábrica, um trabalho de oficina, ainda estão na linha do trabalho tradicional do homem. Mas a sua multiplicação, a ritmo cada vez mais acelerado, e a sua ligação dando origem a novas estruturas, exigindo outras, criou também uma mentalidade diferente, a que hábitos de vida e ideais práticos imediatamente se associaram. E foi essa realidade que, tendo tomado corpo no condicionalismo do meio industrial, rapidamente lhe ultrapassou fronteiras e tomou posse de todo o campo sociológico.

A civilização técnica seria, sem o pecado de orgulho do

homem, a civilização em que o homem tomaria naturalmente consciência, sem desequilíbrios nem sujeições, do seu poder sobre as coisas criadas, em que, tornado ele próprio "consciência dos mundos", cumpriria cada vez mais fielmente a sua missão de mediano entre a criação e Deus, e em que, feito instrumento da Redenção, acreditaria que "o mundo geme nas dores do parto" até à perfeição final da Parusia.

Mas a civilização técnica não envolve hoje estes valores. A transformação qualitativa que se realizou (que se realiza ainda sob os nossos olhos nos países em processo de desenvolvimento económico) não tornou explícitos esses valores. Nem, no ritmo rápido em que se deu, permitiu que o homem tomasse consciência da alteração do seu diálogo com o mundo criado. Mudou, nas circunstâncias da sua realização, que não na sua essência profunda, a natureza do trabalho e mudaram então necessariamente as condições de definição do binómio homem-trabalho. Não que haja de encontrar-se uma nova lei metafísica que ajude essa definição. Não é um homem utópico que vai enfrentar as condições próprias da nossa civilização - é marcado pelo ser imagem e semelhança de Deus, pelo orgulho do pecado, pela dignidade da filiação divina que Cristo lhe mereceu. O trabalho mantém-se fiel também à sua missão própria - é expressão do poder do homem sobre todo o criado (como que pertencendo, desse modo, à própria natureza do homem), é aperfeiçoamento do homem, é produção dum bem social necessário. Mas hão-de ter-se na devida conta as transformações psicológicas e sociológicas que das novas condições nasceram. O homem, na sua singularidade de indivíduo como no seu comportamento em sociedade, é então profundamente afectado por essa transformação que se realiza na esfera própria do trabalho.

## Fundação Cuidar o Futuro

O trabalho, autonomiza-se - deixa de ser exclusivamente um exercício, uma disciplina do homem (tê-lo-á sido alguma vez?), é essencialmente "a produção duma obra".

E aqui reside o perigo maior da civilização técnica. O que conta é o trabalho final, o que interessa é a produção, é o rendimento, é a possibilidade de se atingir rapidamente o resultado previsto, é a "coisa" objecto do processo técnico. Em certa medida, o sujeito subordina-se-lhe. (Retomarei, adiante, esta situação numa perspectiva positiva. Agora interessa-me apenas considerar a que extremos conduz). Se o homem tem de submeter-se às leis da matéria na execução da obra, e se é a produção da obra que conta no diálogo homem-trabalho (e quem entre em contacto profundo com o mundo técnico não pode ver outro caminho possível), ele corre então o risco de se demitir da sua própria condição de homem. Os valores humanos que gozam de mais prestígio estão então ligados à esfera do "fazer", da produção de resultados concretos e visíveis. (A própria investigação científica, mesmo no que poderíamos chamar de ciência pura, está hoje quase sempre ligada a qualquer programa de desenvolvimento industrial).

E porque é a obra, o resultado final que conta, é possível tornar o homem um elo da cadeia de produção ou um mero vector económicos futuras. Na execução da obra, dilui-se o esforço pessoal, a atitude íntima que a tornou possível, o princípio espiritual que lhe deu origem. Quem, fora do mundo técnico, ao lidar diariamente com os produtos mais vulgares dos nossos dias, dos detergentes aos discos de cloreto de poli-

vinilo, estabelece a relação com uma atitude intelectual, científica, de criação, que lhes foi anterior? Em que esferas se dilui a satisfação íntima do preparador no laboratório ou os cálculos do cientista de gabinete? Esses valores humanos, de comunhão com o poder criador de Deus, de alegria na realização, perderam-se na história do bem útil - e o utilizador não recebe uma mensagem de outros homens, mas uma "coisa" anónima. É a realidade sensível e palpável que conta - o resto é fundo de que mal se apercebem os contornos.

Mas creio que na objectividade que caracteriza o imperativo da produção da obra há ainda outro perigo. É que as leis próprias da matéria são leis de massa e energia - essencialmente quantitativas. A que zonas há-de o homem ir buscar a força que lhe permita dar-se inteiramente no trabalho a essas leis, respeitá-las e ser-lhes fiel, sentir-lhes a cada passo o peso e a exigência (no processo mal calculado, na peça não ajustada), e, ao mesmo tempo, estar inteiramente livre, no domínio soberanamente não-quantitativo da cultura, da moral, das relações de amor com Deus?

São perigos reais, estes. Tão grandes que constituem em certas zonas do globo, e em certos momentos, um perigo não só para o mundo estritamente técnico mas para todos os sectores em que o homem se movimenta.

Dá-se, por um lado, um fenómeno de extrapolação. "Transplantam-se os métodos, o critério, o estilo, que são próprios da técnica, para os domínios da vida moral" - e a este fenómeno chamo, com Corção, tecnicismo. **Fundação Cuidar o Futuro** Para de todo a escuridão de progresso e da evolução da humanidade somente nos valores técnicos e, no limite, "o tecnicismo - como nota Corção - chega a acreditar que é das técnicas particulares que há-de resultar a paz e a consciência moral, reduzidas a simples epifenómenos".

Fenómeno este que não acompanha toda a espécie de técnica, mas sim uma "meia-técnica"... que se encontra raramente nos grandes pensadores da estrutura técnica mas se encontra a cada passo nos seus executores, naqueles em quem a ausência de engenho ou o comodismo impediram um esforço criador eminentemente pessoal... Ao plano das nações, creio bem que a tentação tecnicista é muito mais forte num país de técnica incipiente do que naqueles onde o progresso da técnica já deve ter tornado palpáveis os seus próprios limites.

Mas não há só uma extrapolação indevida de métodos, de atitude intelectual ou valorativa. É que em todas as actividades do homem há uma "técnica", isto é, há um domínio do homem sobre um sector limitado da criação, em vista à restauração ou à produção de bens (e aqui inclui também os bens deleitosos que são objecto da arte), há um conjunto de normas e leis que são próprias do objecto do trabalho. E à medida que o conhecimento do mundo progride e aumenta a possibilidade de o dominar através dos meios que o próprio homem cria, todos os sectores da actividade humana sentem-lhe a influência, quer através de novos processos, quer através de possibilidades de alargamento do campo de aplicação não exploradas até então. Pode assim alargar-se o conceito de técnica além das fronteiras do mundo industrial a que habitualmente se circunscreve.





E talvez aí o perigo do tecnicismo seja maior.

Tecnicismo bem patente em certos sistemas de ensino na atitude de muitos professores quando no aluno ignoram a pessoa ou ministram um ensino em série; tecnicismo de certos sistemas de medicina socializada e de previdência social; tecnicismo de ciências das relações humanas, desenvolvidas e propagadas unicamente em nome da produtividade; tecnicismo dos sistemas de organização social, política ou administrativa que sacrificam o homem às estruturas, aos organigramas, às burocracias... tecnicismo dos que subordinam a beleza original e irreverente a conceitos standardizados, vulgarizados pelo sensacionalismo... tecnicismo de todos os que, em qualquer função, mesmo a mais nobre, até apostólica, só procuram a obra, o resultado visível, à custa dos valores humanos mais autênticos.

É o momento de nos perguntarmos : e o cristão ? O que é a vida cristã nesta civilização técnica ? Como se processa o diálogo entre o cristão e esta civilização que, rica embora de possibilidades, parece oferecer tantos perigos ?

Não está o cristão perante uma opção de conciliação ou cisão com a civilização técnica. Ele é, como os outros homens, um ser situado em uma civilização técnica. Situação que contém em si um caminho de santificação para o cristão e, ao mesmo tempo, a possibilidade de cristianização da civilização técnica. É nesta dupla perspectiva, a um tempo pessoal e comunitária, que pode repensar-se, em termos cristãos, a problemática da civilização em que vivemos.

### Fundação Cuidar o Futuro

É fácil reagir por uma atitude de terror à visão fria dos perigos da civilização técnica. A maior parte dos escritores que citei no início parecem querer abrir caminho a um desprezo da técnica ou, quando muito, a uma passiva resignação, completada por todas as compensações que os tempos livres possam trazer.

É certo que o "homo faber" não esgota o humano; mas tão pouco o esgota o "homo sapiens". Se alguma prioridade há que estabelecer, será entre o "fazer" e o "ser". É no ser, na essência profunda do homem que ele se encontra e que encontra a via que lhe tornará inteligível o sentido último de todas as realidades. Mas o ser não é uma mera abstracção - é um ser situado, é uma existência, em que se conjugam, por um lado, o conhecimento intelectual e a emoção estética, puramente gratuitos, e, por outro, a actividade técnica, geradora de novos seres e de novas relações dos homens com os seres. Se a técnica tem em si o perigo da autonomia da obra em detrimento da pessoa humana, à qual tudo na ordem natural e na ordem social deve estar subordinado, e se esse perigo tem como expressão última o tão denunciado materialismo, também a atitude que a ignora é caminho para o desenraizamento do mundo, deste "hic et nunc" que Deus, no Seu plano de amor por nós, nos convida a viver - e no limite teremos o diletantismo intelectual, a evasão social, as condições dum humanismo preguiçoso e inoperante.

É a pessoa humana no seu todo, com a nobreza incontestável do conhecimento intelectual e a complexidade, não menos incontestada, da



actividade técnica, que importa situar como objecto e fim da civilização técnica. É sobretudo a pessoa humana que se situa além dessas esferas no domínio da angústia, do sofrimento, da alegria, do amor, da morte. Para além de todas as respostas da técnica, o Homem permanece face às interrogações essenciais e decisivas do seu destino.

O progresso que realiza no domínio do conhecer e do fazer tem de ser caminho para uma percepção do mistério que se esconde nas leis que regem os seres, no seu comportamento. Há, para além das coisas visíveis, ainda as mais espectaculares, da série infindável de novos produtos que o homem vai criando, sejam os milhares de tipos de plásticos para todas as aplicações ou os diamantes artificiais agora postos no mercado pela G.E., às máquinas automáticas que controlam o lançamento dos foguetes lunares ou regulam o funcionamento das grandes centrais ou fábricas de produtos químicos, há, para além de todo esse cortejo de novos e mais retumbantes progressos, invadindo, nos seus efeitos, todos os domínios, da medicina à psicologia, à sociologia, à educação, há, acima de tudo isso, um mundo de coisas invisíveis, de valores espirituais que se não traduzem em números ou em arranjos moleculares originais, mas que comandam todo o comportamento do homem. Há um mundo de valores escondidos, adormecidos nas coisas, na vida, nos outros homens.

É esse mundo que completa o mundo concreto em que, homens da técnica, nos movimentamos. É primeiro um mundo de vida animada, vida que se exprime no ritmo inalterável da criação, no mistério da fecundidade da terra, a brotar em frutos que serão semente ignorada, logo depois vida pujante e depois flor e fruto outra vez... Não pretendo defender um naturalismo já ultrapassado, mas sim lembrar que comungamos, pela nossa condição humana, nesta mesma natureza que se nos oferece, para a entendermos e amarmos. O P. Gerald Vann diz-nos em que sentido há-de ver-se este encontro com a natureza. "A sociedade humana foi constituída para ser uma realidade criadora: a criação comum duma vida comum; mas este carácter comum, base da comunidade, desaparece e morre quando a organização, que é um produto da civilização técnica, substitui o organismo; e o organismo, o todo orgânico depende, em certa medida, duma terra comum, como base natural duma seiva que vive e opera como substracto inalterável em todas as diferenciações de casta, classe ou função".

É que o contacto com a natureza oferece-nos dois valores inestimáveis : mostra-nos, por um lado, o sentido do todo, do ser completo, e não da peça ou do produto de uso especializado. Situa-nos perante a vida, mais complexa do que a técnica e muito mais total. Não é sem dúvida por mero acaso que esse contacto com a natureza está presente nas grandes ordens religiosas como uma necessidade da formação, quando não de todo o ritmo da vida.

Mas a natureza abre-nos ainda a outro valor que a ultrapassa : o valor dos símbolos, dos sinais. Na sua linguagem rítmica, abre-nos a um processo cósmico em que cada acto é figura de realidades maiores. Fala-nos da perenidade do Princípio das coisas e da contingência destas, revela-nos uma imanência de Deus na beleza de todo o criado e ao mesmo tempo aponta-nos a Sua transcendência. Fala-nos do pão, do

vinho, do óleo, da água, que são os sinais maiores, sinais da presença continuada de Cristo entre nós, dando-nos a graça através dos frutos da natureza. Mostra-nos as árvores - e cada uma delas é um símbolo daquele outro madeiro, pelo qual Jesus Cristo remiu o mundo.

Falei no mundo da vida animada a completar o mundo da técnica. Mas há ainda o mundo dos valores espirituais, da sabedoria e da contemplação. No conhecimento das coisas e do mundo há o mistério da sua essência que se revela. Mas essa revelação não pode fazer-se no meio do barulho, da actividade frenética. Pieper, no seu magnífico livro "Leisure, as a basis of culture", mostra como a contemplação criadora é a base de todo o conhecimento real, de toda a realização concreta. Numa civilização em que o conhecimento parece ser a posse da verdade, é preciso revelar que ele só pode ser contemplação, participação da Verdade. No atordoamento das palavras, da imprensa ou da rádio (cujos meus programas não são da responsabilidade da técnica, como acentua Corção), é preciso criar o silêncio, ouvi-lo. Porque só no silêncio nasce a sabedoria que, com o amor, gera a santidade. Há uma serenidade interior, uma tranquilidade, uma paz, onde todas as coisas adquirem unidade e se enquadram naquele todo orgânico, vital, harmónico, que é a expressão mesma da santidade.

É preciso encontrar Deus e querer escutá-lo. E isto não é tarefa de alguns - é exigência do amor de cada um. Diz o P. Vann : "Todos aqueles que chegarem a esta sabedoria, a esta união com o universo e com o Amor que cria o universo, poderão, então, não só gozar de todas as coisas mas usar todas as coisas sem o perigo de as degradar. Usarão outras formas de conhecimento porque não se servirão delas com arrogância e estreiteza mas integradas no seu esquema mental. Não-de servir-se da ciência e aplicá-la, porque o cosmos que estudam e as energias que descobrem são para eles "a terra e a sua plenitude", dos quais só Deus é Senhor e cuja maior glória está, justamente, em dar glória ao Senhor. Não-de servir-se de todas as coisas, porque as usarão não unicamente como meios mas como tendo valor em si mesmas, e assim aproximarem-se delas com deslumbramento e reverência. Poderão, sem perigo, interessar-se pelas causas imediatas, porque, para além do imediato, terão sempre o sentido dos últimos fins. Poderão entregar-se, e entregar-se-ão mesmo, à actividade, e a sua actividade será benéfica, porque, por detrás da acção, estará sempre a visão, por detrás do domínio estará o amor, por detrás da energia estará a compreensão e a humildade".

Se, sobretudo através daqueles que a Deus se consagram totalmente por uma vida de contemplação, a Igreja for no mundo um grande polo de silêncio e de oração onde tudo seja caminho para o amor e onde o amor seja caminho para tudo, a cristianização da civilização técnica é possível e certa.

Alimentados dos sinais da graça e reconduzidos à pura contemplação, podemos abordar de novo o mundo da técnica e tocar no nó do problema. Que realidades temos de enfrentar ?

A técnica continua o acto criador de Deus, é seu prolongamento através da vontade, da inteligência, das mãos dos homens. Mais, como acentuam Laloup e Nélis, "todo o objecto técnico é a cristalização

da inteligência prática do homem; é a realização pelo homem de uma ideia concebida pelo homem mas sugerida já pela natureza. É o que lhe dá valor, não somente no mundo reduzido em que se movimenta o homem, mas no absoluto do ser : o objecto técnico é, em si, superior à matéria inorgânica num estado disperso; é matéria informada de um princípio de inteligibilidade e de actividade".

Ora quando se analisam os efeitos da técnica, a sua aplicação, verifica-se sempre a sua ambivalência, a possibilidade de terem bom ou mau uso e conclui-se quase sempre que a técnica em si é neutra. Ora eu creio, com os autores citados, que a técnica é boa em si, ou tem uma tendência ao bom uso como diz Corção, como boa é a criação de que a técnica é prolongamento pelas mãos dos homens. O que pode ser mau é o seu uso que não depende senão da liberdade humana. E por isso é possível, com Corção, "ter mais medo de um concurso de filosofia do que de um invento físico; porque é daquele concurso que vai sair a data, o endereço e a aplicação da bomba de hidrogénio, e não da própria bomba".

Há que entender a linguagem própria deste mundo material em que a técnica se exprime. O mundo em que o Verbo se fez carne não é o mundo em que se justapõem, por hipótese, as esferas do espírito e da matéria. O mundo em que o Filho de Deus foi crucificado aceita a submissão à dor e à morte, porque Ele ressuscita. O homem que se movimenta na civilização técnica não é um conjunto de corpo e alma cujo princípio espiritual se conspurcaria no contacto com a técnica; é uma unidade substancial de corpo e alma que entra em diálogo com a matéria no domínio das leis que à matéria são próprias.

### Fundação Cuidar o Futuro

É difícil manter a esperança na técnica, por piedosas intenções, ou ficar em desespero perante uma hecatombe que parece inevitável; é fácil pensar que o mundo se está submetendo cada vez mais às coisas materiais... Mas é nesta época que não só pela boca dos seus teólogos a Igreja nos lembra que tudo é caminho para a glória de Deus. É no nosso tempo que a Igreja define o dígma da Assunção, a glorificação da carne puramente humana. É na visão da Mulher cujo corpo brilha na glória da eternidade, vestida de sol, que podemos antever a Redenção de toda a matéria operada por Cristo e continuada pela Igreja. Porque não há poder ou desregramento da matéria que possa aniquilar a presença de Deus. Hoje, como há dois mil anos, podemos dizer com S. Paulo : "Desde a criação do mundo, as obras de Deus tornam visíveis à nossa inteligência os seus atributos invisíveis: o seu poder eterno e a sua infinita majestade" (Rom. 1, 26).



MARIA DE LOURDES PINTASILGO